



A variação lexical para os itens “dar à luz” e “pessoa sovina” em comunidades indígenas da Região Amazônica

The lexical variation for items “give birth” and “stingy person” in indigenous communities of the Amazon region

Fábio Luidy de Oliveira Alves¹
0000-0001-5683-6542

Resumo: O presente trabalho destaca a diversidade lexical do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté, a partir do mapeamento dos itens “dar à luz” e “pessoa sovina”. Os itens apresentados fazem parte dos campos semânticos “ciclos da vida” e “convívio e comportamento social” do questionário semântico lexical (QSL) que integra o projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O estudo geossociolinguístico toma como base as orientações da Dialetoлогия pluridimensional vista em Radtke e Thun (1996) e Thun (1998). Os dados são provenientes de quatro comunidades indígenas. Os resultados do mapeamento mostram uma variedade do português constituída de influências linguísticas, principalmente da sociedade envolvente com a qual os Asuriní e os Araweté interagem.

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. E-mail: fabio-luidy@hotmail.com

Palavras-chave: Variação semântico lexical; Língua Portuguesa; Dialetologia pluridimensional; Asuriní do Xingu; Araweté.

Abstract: The present work shows the lexical diversity of portuguese spoken by the Asuriní of Xingu and the Araweté, in the mapping of the items "give birth" and "stingy person". The items are part of the lexical semantic questionnaire of the *Linguistic Atlas of Brazil*. The geossociolinguistic study based on Pluridimensional Dialectology of Radtke and Thun (1996) and Thun (1998). The data were collected from four indigenous communities. The results of mapping reveal a variety of portuguese constituted of linguistic influences, especially of the surrounding society with which the Asuriní and the Araweté interact.

Keywords: Lexical semantic variation; Portuguese language; Multidimensional dialectology; Asuriní of Xingu; Araweté.

Introdução

Radtke e Thun (1996) compreendiam as dificuldades empíricas de se fazer estudos geolinguísticos sobre as línguas indígenas sul-americanas e a situação de contato linguístico que envolvia essas línguas e as línguas românicas, mas destacavam que a não realização desses estudos não deveria continuar em nossa época, principalmente em relação à situação de contato, uma realidade vivenciada por várias línguas no território sul-americano.

Não se pode negar que as áreas indígenas brasileiras apresentam as mais variadas situações de contato linguístico, em detrimento do intenso bilinguismo ou multilinguismo existente nessas áreas. Estudar essas relações de contato em uma perspectiva geolinguística é de suma importância para os trabalhos linguísticos como um todo, principalmente para aqueles que devolvem hipóteses de que o português falado no território brasileiro é resultado de intensas relações de contato linguístico, principalmente com as línguas indígenas. Destaca-se que a situação do contato entre o português brasileiro (PB) e as línguas indígenas não foi estudada *a priori* pela Geolinguística brasileira por dificuldades, principalmente, de acesso as localidades indígenas.

Os estudos geolinguísticos sobre as línguas faladas por populações indígenas brasileiras e a situação de contato delas somente teve início a partir da publicação do primeiro volume do *Atlas linguístico Guaraní-Românico* (ALGR) de Thun et al. (2010), primeiro estudo geolinguístico que envolve a língua portuguesa e uma língua indígena no Brasil. Mas, mesmo assim, o ALGR

não trabalhou a variedade linguística de localidades indígenas, mas de localidades rurais em que há o contato entre o português brasileiro (PB) e a língua Guaraní.

Como se vê em Sá et al (2018), estudos geolinguísticos de comunidades tradicionais indígenas ou quilombolas tornaram-se realidade nos últimos anos. Em relação às sociedades indígenas, principalmente as da Amazônia brasileira, os estudos somente iniciaram com a criação do projeto *Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil* (ALSLIB), projeto que definiu as primeiras sociedades indígenas aptas para se fazer pesquisa.

Com o foco no PB de comunidades indígenas, este trabalho vem tratar da diversidade lexical da variedade do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté, a partir do mapeamento dos itens "dar à luz" e "pessoa sovina", itens que integram o questionário semântico lexical (QSL) do projeto ALiB. Ambas as etnias indígenas estão situadas às margens do médio curso do rio Xingu, no município de Altamira-PA, região Amazônica. Destaca-se que os resultados apresentados aqui se limitam a análises geográficas e sociais. Não abordamos a situação de contato linguístico (dimensão contactual), pois os nossos estudos sobre os dados das línguas indígenas estão em desenvolvimento.

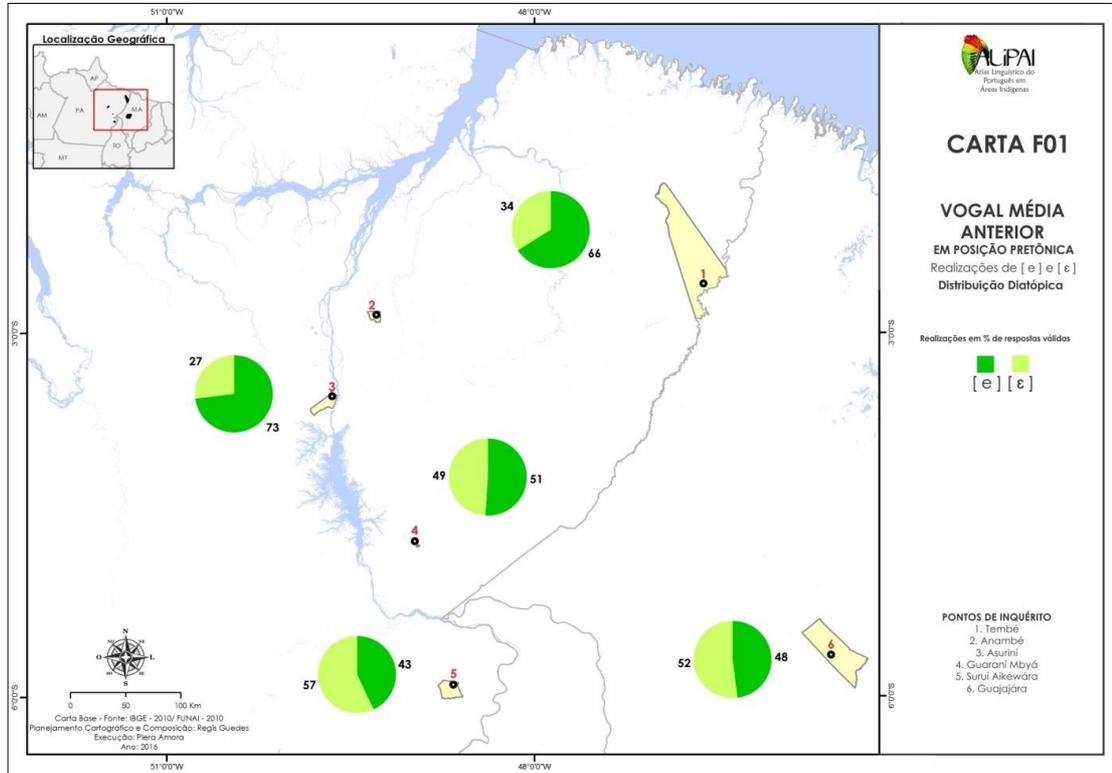
Também se destaca aqui alguns fatores socioculturais dos Asuriní do Xingu e dos Araweté que influenciam sua diversidade lexical; as influências da sociedade envolvente, principalmente a realização do projeto hidrelétrico de Belo Monte², que interferiu no modo de vida e na variedade do PB dos indígenas.

Novos avanços dos estudos geolinguísticos brasileiros

Falar atualmente em Geolinguística no Brasil implica apresentar os novos trabalhos geolinguísticos a cerca da variedade do português de áreas indígenas. Entre eles temos a tese de Guedes (2017), pesquisa desenvolvida com etnias Tupí-Guaraní. Essa tese foi um dos primeiros estudos geolinguísticos a ser concluído sobre o PB de áreas indígenas e integra o projeto *Atlas Linguístico do Português de Áreas Indígenas* (ALIPAI). A seguir, apresentamos uma carta linguística do referido trabalho.

² Macroprojeto responsável pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. A usina localiza-se na região do Médio Xingu, a 150Km da cidade de Altamira.

Figura 1: Carta F01 – Vogal Média Anterior Pretônica [e] e [ɛ] Diatópica (ALIPA)



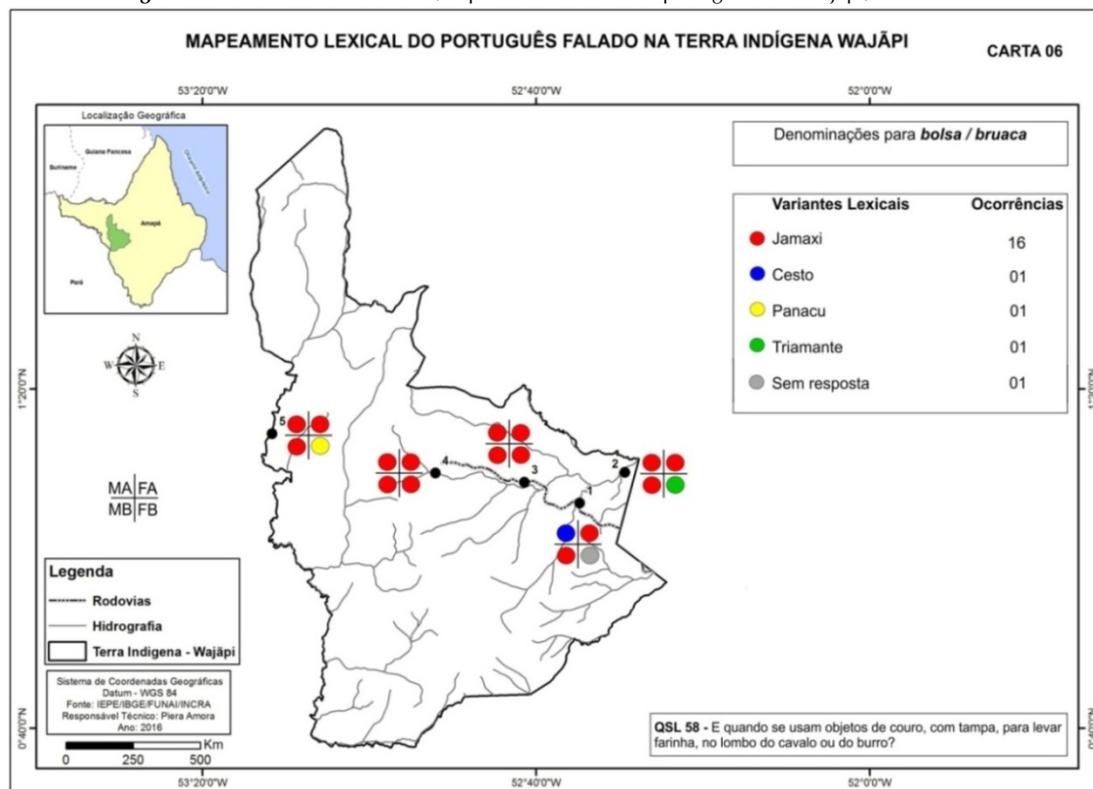
Fonte: Guedes (2017)

A carta F01 apresenta o mapeamento da vogal média anterior pretônica. Ela destaca que as terras indígenas (TIs) localizadas mais ao norte apresentaram maior frequência da vogal média fechada [e] enquanto que as TIs do sul realizam mais a vogal média aberta [ɛ].

O estudo de Guedes menciona que as cidades do norte do estado do Pará apresentam influências linguísticas no português das sociedades indígenas mais ao norte, já que há a preferência pela vogal média fechada. O mesmo vale para as TIs ao sul, na carta F01, que preferem a vogal média aberta da mesma forma que as cidades próximas a elas.

Outro estudo que merece destaque é o de Rodrigues (2017), primeiro trabalho geolinguístico sobre o PB de comunidades indígenas no estado do Amapá. A seguir, apresentamos uma carta linguística do referido trabalho.

Figura 2: Carta 06 - bolsa/bruaca (Mapeamento lexical do português dos Wajãpi)



Fonte: Rodrigues (2017)

A carta 06 do estudo de Rodrigues destacou a influência da língua Wajãpi na variedade do português falado pelos Wajãpi ao item "bolsa/bruaca". A carta apresenta um dado importante: a variante *jamaxi* é uma interferência da língua Wajãpi no PB das comunidades.

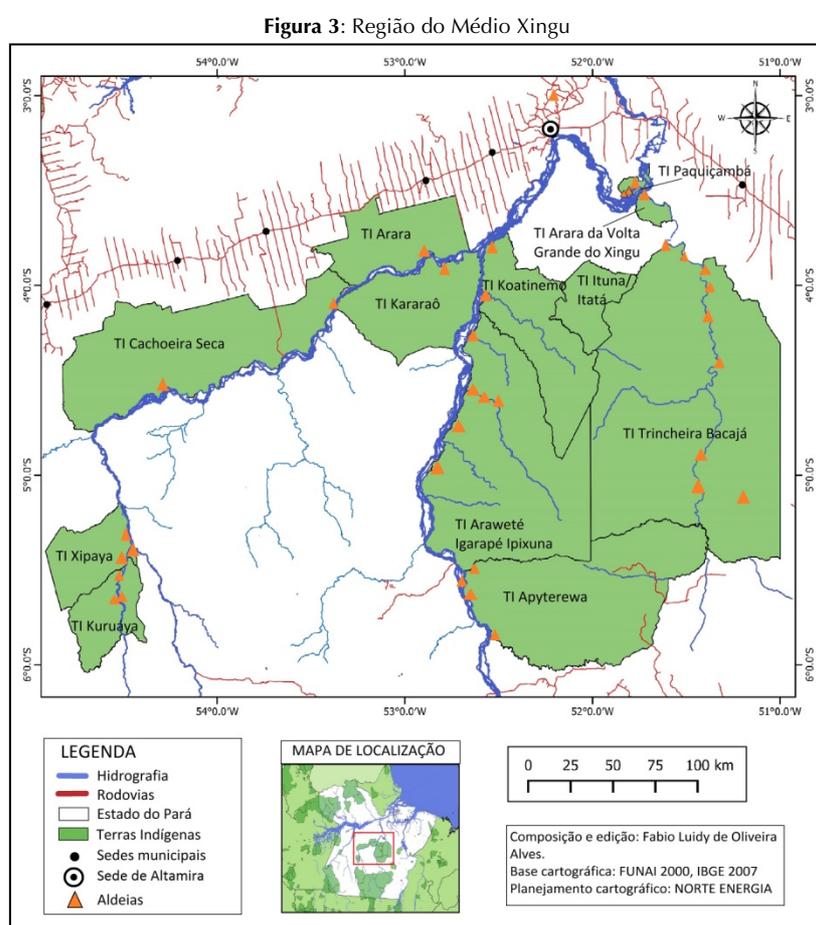
Os estudos geolinguísticos do PB falado por indígenas vêm mostrando influências linguísticas da sociedade envolvente na variedade linguística indígena, mas também mostram como a língua indígena pode afetar uma variedade do português, seja sonora ou lexicalmente.

Contexto da pesquisa

Os Asuriní do Xingu e os Araweté falam tanto português quanto sua língua étnica. A língua nativa dessas etnias pertence ao ramo V da família linguística Tupí-guaraní (RODRIGUES; CABRAL, 2002). O contato efetivo desses dois grupos étnicos com a sociedade envolvente teve início na década de setenta, com a construção de postos da FUNAI nas comunidades indígenas

da região do Médio Xingu, região onde os Asuriní e os Araweté habitam.

A região do Médio Xingu no estado do Pará concentra uma grande diversidade linguística e cultural. Localiza-se geograficamente no centro do estado e é cortada por dois grandes rios, o rio Xingu e o rio Iriri. Faz parte dessa região um complexo de terras indígenas e habita uma sociedade indígena em cada terra. Essas sociedades possuem históricos diferentes nas suas relações de interação com a sociedade envolvente. A figura 3 apresenta a região do Médio Xingu.



Fonte: Norte Energia (2016) (adaptada)

Falar da região do Médio Xingu significa ter de falar um pouco de suas relações sócio-políticas. Por ser uma grande área e ficar em uma região rica e estratégica da Amazônia Legal, o Médio Xingu atrai madeireiros, mineradores, fazendeiros e, principalmente, obras

governamentais, como a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. Tais grupos geram atividades de grande impacto ambiental e, conseqüentemente, quem depende diretamente dos recursos naturais da região acaba sofrendo os mesmos impactos, é o que leva as sociedades indígenas do Médio Xingu a uma readaptação social para preservar o seu *modus vivendi*. Essa readaptação influencia em suas variedades linguísticas, principalmente em seu português, pois uma nova adaptação implica novas interações com o PB da sociedade envolvente, como destacaremos nos Asuriní e nos Araweté.

Os Asuriní do Xingu estão divididos em duas aldeias na terra indígena (TI) Koatinemo, a saber: aldeias Itaaka e Kwatinemu. Quanto à situação das línguas faladas pelos Asuriní, destaca-se o avançado grau de bilinguismo que, segundo Alves (2018), gera interferências em ambas as línguas faladas por eles e o intenso uso do PB nas comunidades Asuriní que já faz com que algumas crianças apresentem o português como L1. O intenso uso da língua portuguesa pelos indígenas nos últimos anos é uma das conseqüências do projeto Belo Monte.

Os Araweté estão distribuídos em 9 aldeias na TI Araweté Igarapé Ipixuna. Essa maior dispersão em relação aos Asuriní, em parte, teve atuação do projeto Belo Monte. Os Araweté ainda resistem às influências da sociedade envolvente, principalmente em utilizar o português em suas relações dentro de suas comunidades. Alves (2018) destacou dois fatores socioculturais que ocasionam resistência ao uso do PB entre eles, a saber: o tamanho de sua população e o seu caráter conservador. Com uma população numerosa, há muitas pessoas velhas, as quais só falam a língua Araweté e impõe o seu uso nas comunidades. Quanto ao seu conservadorismo, ele ainda impede uma interação intensa com não-indígenas, isto é, pouca interação com falantes nativos de português.

Acerca das influências socioculturais que os Asuriní e os Araweté sofreram devido à construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, Alves (2018) destacou o fornecimento de auxílio financeiro e embarcações aos indígenas pela empresa Norte Energia, construtora da usina, como compensação aos possíveis impactos ambientais pela construção da hidrelétrica. Esses benefícios possibilitaram deslocamentos constantes dos indígenas ao centro urbano de Altamira, intensificando ainda mais o contato com a sociedade envolvente.

Alves (2018) ainda destaca que os novos comportamentos sociais dos indígenas estão facilitando mais o contato com a variedade linguística da sociedade envolvente, principalmente o maior uso de objetos de mídia nas aldeias pelos jovens. O costume de assistir a televisão, escutar músicas em dispositivos de rádio ou assistir a vídeos nos celulares acarreta em uma atenção maior à língua portuguesa entre os indígenas. Alguns desses aparelhos somente veiculam ou portam informação em português. Esses costumes que elevam a interação em língua

portuguesa acarretam novas mudanças na variedade do PB indígena.

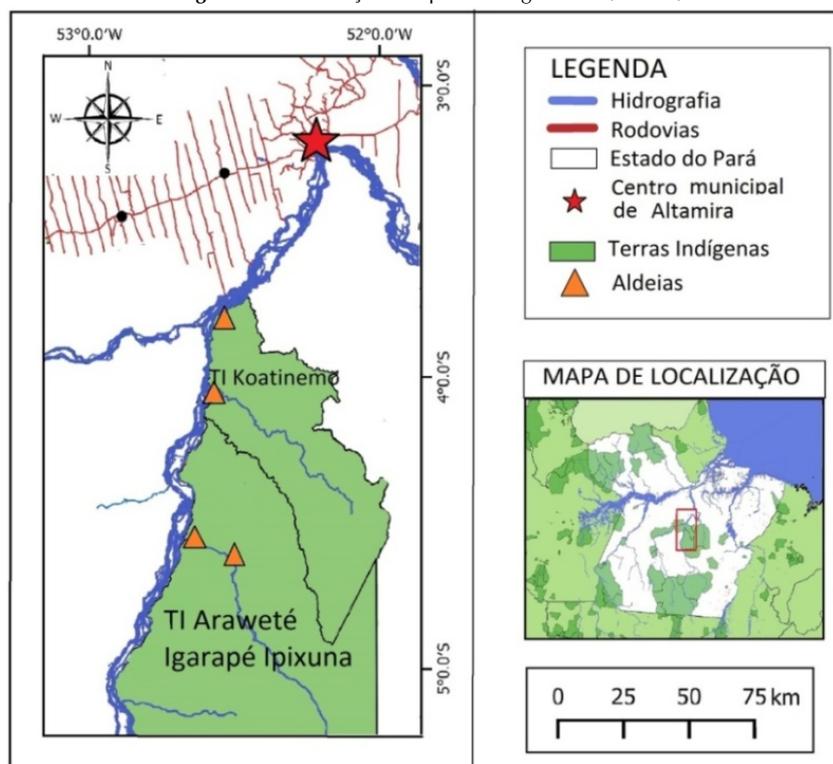
Procedimentos teórico-metodológicos

As orientações teórico-metodológicas que a pesquisa segue são da Dialetoлогия pluridimensional apresentada em Radtke e Thun (1996) e Thun (1998). Tal abordagem foi proposta com objetivo de mapear e estudar, principalmente, variedades linguísticas em contato.

Quanto às dimensões extralinguísticas propostas pela Dialetoлогия Pluridimensional para o estudo da variação, o presente trabalho destacará três dimensões para análises, a saber: dimensão diatópica (topostática), dimensão diassexual e dimensão diageracional. A seleção dessas dimensões para estudo segue outros projetos que trabalham apenas com elas, por exemplo, o ALiB e o ALIPA. Isso permite a comparações de nossos dados com dados desses projetos.

Quanto à dimensão diatópica, apresentamos a localização das quatro comunidades pesquisadas que compõem a rede de pontos linguísticos na figura 4, a seguir. Fazem parte dos pontos duas comunidades Asuriní (TI Koatinemo) e duas Araweté.

Figura 4 - Localização dos pontos linguísticos (aldeias)



Fonte: Norte Energia (2016) (adaptada)

Quanto aos colaboradores da pesquisa, eles somam dezesseis falantes. Trabalhamos com quatro indígenas nativos por ponto. Todos os colaboradores são bilíngues e apresentam pouco ou nenhum grau de escolaridade. A definição do período de idade da segunda geração deu-se pela escassez de pessoas acima dos 45 anos que falassem a língua portuguesa, principalmente entre os Araweté. A diferença mínima entre os parâmetros etários adotados foi de 10 anos. O quadro 1 destaca o perfil dos colaboradores.

Quadro 1 - Perfil dos colaboradores

Representação	Perfil estratificado
H1	Homem entre 18 e 25 anos (1ª geração)
H2	Homem entre 35 e 45 anos (2ª geração)
M1	Mulher entre 18 e 25 anos (1ª geração)
M2	Mulher entre 35 e 45 anos (2ª geração)

Fonte: Elaborado pelo autor

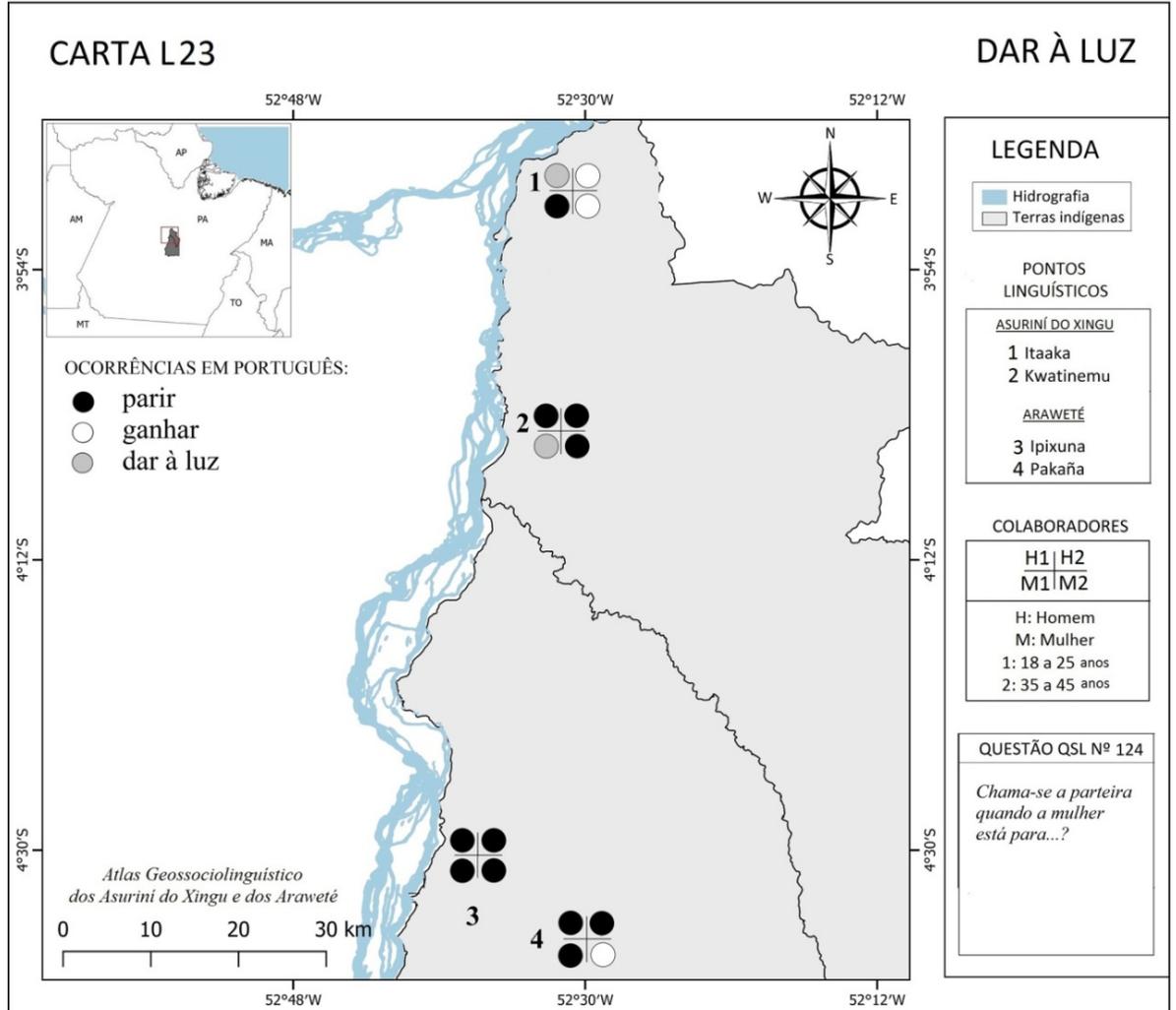
Apresentação e discussão dos resultados

Destacam-se aqui o mapeamento e as discussões dos itens “dar à luz” e “pessoa sovina”. Os itens pertencem aos campos semânticos “ciclo da vida” e “convívio e comportamento social” do QSL do projeto ALiB. Ressalta-se que as análises das dimensões diassexual e diageracional são separadas para cada etnia, porque elas apresentam perfis sociais muito distintos.

Carta L23 – Dar à luz

A carta L23 apresenta o mapeamento das variantes: *parir*, *ganhar* e *dar à luz*, que obtivemos com a aplicação da questão 124 do QSL: “*Chama-se a parteira quando a mulher está para...*”. O destaque fica para *parir* que foi a variante mais produtiva.

Figura 6: Carta L23 (Dar à luz)



Observa-se que a variante *parir* foi predominante em quase todas as comunidades, exceto para a comunidade de Itaaka, a qual apresentou *ganhar* como variante preferida. A seguir, apresentamos as frequências das variantes pelos pontos.

Tabela 1: Frequência diatópica para “dar à luz”

		Frequência das variantes por ponto				
V ariantes	Asuriní do Xingu		Araweté		otal	
	taaka	K watinemu	I pixuna	P akaña		
<i>p</i> arir	2 ,1%	7,3%	6,3%	7,3%	00%	
<i>g</i> anhar	6,6%	-		3,4%	00%	
<i>d</i> ar à luz	0%	5 0%			00%	

Fonte: Elaborado pelo autor

Nota-se que a variante *parir* predominou no IPIXUNA. Já a variante *ganhar* foi mais frequente no Itaaka, comunidade onde ocorreu a maior diversidade lexical. *dar à luz* foi característica dos Asuriní.

Destaca-se que o PB dos Asuriní apresenta diversidade lexical superior em relação ao dos Araweté e semelhança com o padrão lexical da cidade de Altamira, isto é, a partir dos dados do projeto *Atlas Linguístico do Pará* (ALIPA), observamos que *ganhar* e *dar à luz* são as variantes preferidas de Altamira. Segundo Alves (2018), essa maior diversidade e semelhança com a variedade do PB da cidade de Altamira nos Asuriní devem-se ao fator geográfico, isto é, os Asuriní estão mais próximos da cidade e a intensa participação no contexto citadino faz com que eles adquiram facilmente novos usos linguísticos, aumentando seu repertório lexical.

Ao analisar a dimensão diageracional dos Asuriní, percebe-se que somente os jovens fazem uso de *dar à luz* enquanto *ganhar* é de uso exclusivo dos mais velhos. Além de vermos preferências lexicais no PB das gerações Asuriní, vemos que os jovens introduzem novas variantes linguísticas no PB de suas comunidades, isso pode ser visto com a utilização de *dar à luz* pelos jovens, variante preponderante no PB de Altamira, a partir do projeto ALIPA. Segundo Alves (2018), os jovens são o perfil que mais inserem novas variantes nas comunidades, pois são eles que mais interagem com o contexto citadino e com os objetos de mídia. Quanto à

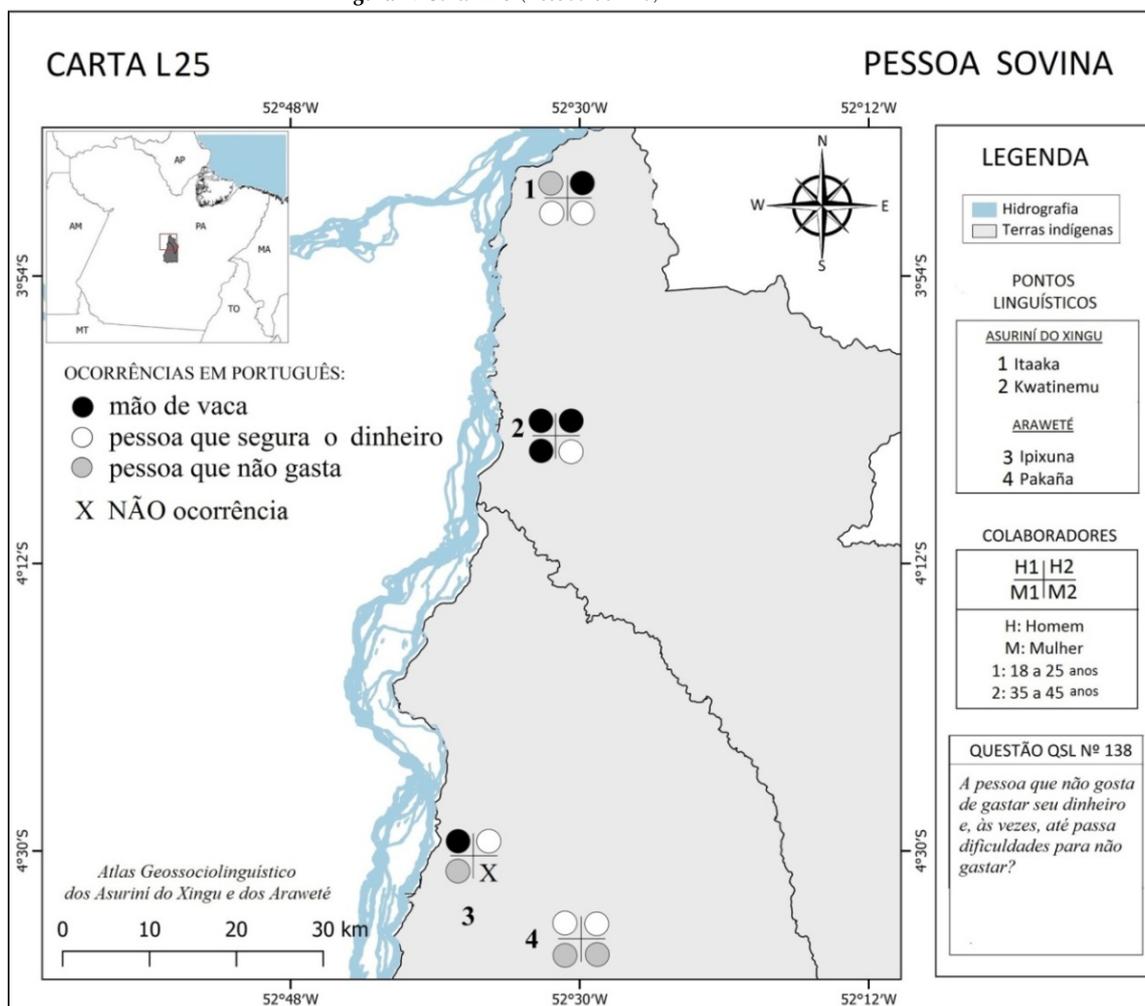
dimensão diasssexual, tanto homens quanto mulheres fazem uso igual das variantes, sem preferências.

Sobre os Araweté, vemos um uso menos heteroléxico no item em questão. Ao observarmos as dimensões diageracional e diasssexual, destaca-se que a única diferença foi em uma colaboradora mais velha. O item apresenta um comportamento lexical diferente dos observados por Alves (2018) e por Alves e Oliveira (2018). Esses trabalhos destacaram o homem jovem como perfil que apresenta mais usos lexicais diferentes nas comunidades Araweté, pois são eles que têm maior mobilidade de entrada e saída das comunidades, isto é, maior interação com o PB externo.

Carta L25 - Pessoa sovina

A carta L25 apresenta o mapeamento de três variantes: mão de vaca, pessoa que segura o dinheiro e pessoa que não gasta. Elas foram obtidas com a questão 138 do QSL, cuja pergunta é "A pessoa que não gosta de ganhar o seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar?". A seguir, apresentamos o mapeamento.

Figura 7: Carta L25 (Pessoa sovina)



A partir da carta L25, nota-se que a variante *pessoa que segura o dinheiro* foi a mais produtiva da questão. Destaca-se também que a variante *mão de vaca* foi a preferida pelos Asuriní e *pessoa que não gasta* apresentou preferência nos Araweté.

Além de cada etnia ter preferências de uso do PB, Alves (2018) destacou o grau de proficiência distinta entre os Asuriní e os Araweté. Como destacado aqui, isso se deve aos distintos fatores socioculturais dos indígenas e aos seus diferentes relacionamentos com a sociedade envolvente, o que implica preferências por determinadas variantes. A seguir, apresentamos as frequências das variantes pelos pontos.

Tabela 2: Frequência diatópica para “pessoa sovina”

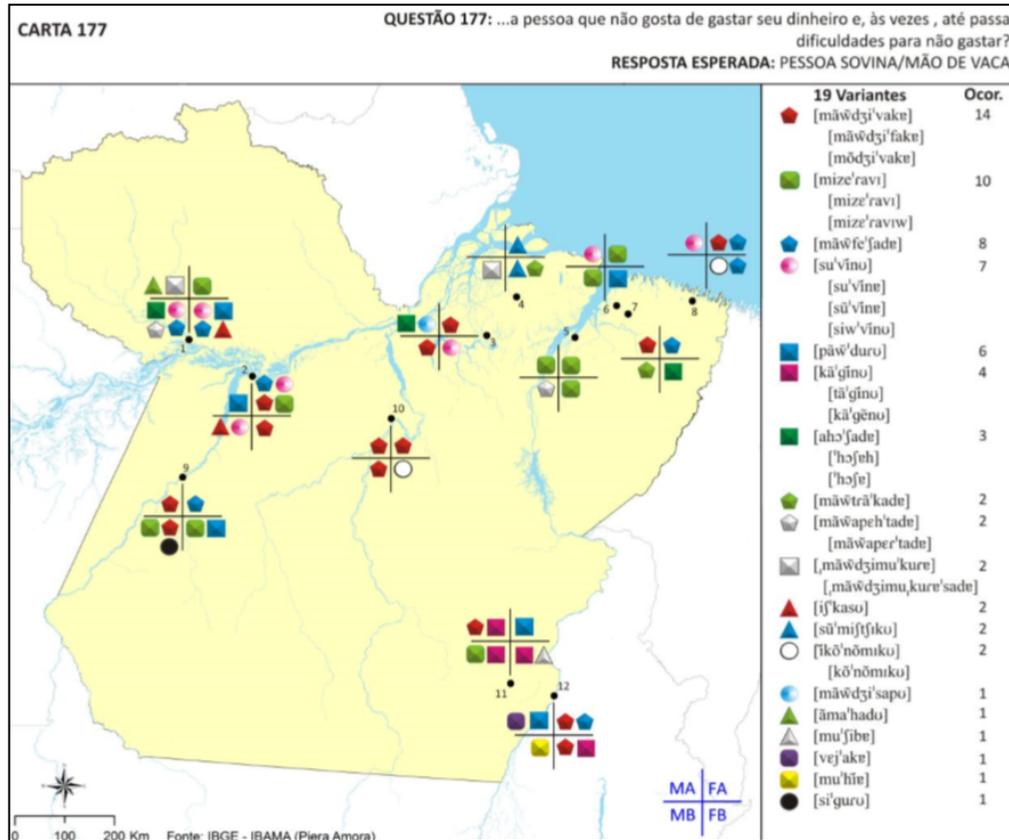
Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	taaka	Kwa tinemu	pixuna	akaña	
<i>pessoa que segura o dinheiro</i>	3,3%	1 6,7%	6,7%	3,3%	00%
<i>mão de vaca</i>	0%	6 0%	0%		00%
<i>pessoa que não gasta</i>	5%	-	5%	0%	00%

Fonte: Elaborado pelo autor

Nota-se que a variante *pessoa que segura o dinheiro* é mais produtiva no Itaaka e no Pakaña. *pessoa que não gasta* foi preponderante no Pakaña. Já *mão de vaca* apresentou maior frequência no Kwatinemu.

Com base nos dados do projeto ALIPA, não se vê resultados para “*pessoa que segura o dinheiro*” e “*pessoa que não gasta*” no PB falado no Pará. Talvez a variante menos produtiva seja reflexo da própria pergunta do questionário e a mais produtiva seja um fraseologismo que se estabeleceu pelas comunidades indígenas. Sobre *mão de vaca*, a carta 177 de Guedes (2012) destaca que essa variante é predominante na cidade de Altamira, ponto 10, no centro da carta, a seguir.

Figura 8: Carta 177 – Pessoa Sovina (ALIPA)



Ao observar o padrão lexical de Altamira, percebe-se que a alta produtividade de *mão de vaca*, principalmente nos Asuriní, forma um *continuum* lexical, o que reforça as observações sobre a influência da variedade linguística dessa cidade no PB dos indígenas devido às participações intensas deles no contexto citadino de Altamira.

Quanto aos Asuriní, na dimensão diageracional, nota-se a diversidade lexical maior no PB dos mais jovens. Como destacado nas análises do item anterior, é justamente essa faixa etária que introduz novos usos lexicais na variedade de sua sociedade. Quanto à dimensão diasssexual, destaca-se apenas a preferência dos homens pela variante *mão de vaca* e *pessoa que segura dinheiro* como preferida pelas mulheres. Essas preferências podem evidenciar a uma sutil diferença entre o PB de homens e mulheres Asuriní e complementar com o estudo de Alves (2018), o qual destacava apenas a distinta produtividade lexical entre homens e mulheres, isto é, os homens apresentam um repertório lexical mais diversificado em relação às mulheres.

Nos Araweté, na dimensão diageracional, destaca-se o maior uso de variantes pelos mais jovens, isto é, eles apresentam uma variedade mais diversificada que os mais velhos. Quanto à dimensão diassexual, os homens apresentam usos mais heteroléxicos e têm preferência pela variante *pessoa que segura dinheiro*. Já as mulheres fazem uso exclusivo de *pessoa que não gasta*. Nota-se também que *mão de vaca*, variante recorrente no PB da sociedade envolvente, é registrada no PB de um jovem Araweté. Ao correlacionar as dimensões diassexual e diageracional, destaca-se que o perfil do homem jovem é o que influencia no PB de suas comunidades, ele introduz novas formas lexicais. Isso foi amplamente destacado também na pesquisa de Alves (2018), sobre a diversidade lexical do PB dos Araweté.

Considerações finais

Os resultados sobre a análise dos itens “dar à luz” e “pessoa sovina” destacam um caráter lexical distinto entre a variedade do PB dos Asuriní e dos Araweté. As discussões a respeito dos resultados destacam que os Asuriní apresentam um PB mais diversificado, visto principalmente na discussão do item “dar à luz”, e bem semelhante ao PB da cidade de Altamira. Isso se deve a relação mais intensa que eles apresentam com a cidade de Altamira.

Além das discussões sobre as interações dos indígenas com a sociedade envolvente que faz a variedade lexical do português de suas comunidades assemelhar-se com o padrão lexical do PB da cidade, os resultados também destacam que os mais jovens são o perfil que mais insere novos usos lexicais na variedade do PB indígena, seja pela sua participação intensa no cotidiano da cidade seja pela maior interação com os hábitos da sociedade envolvente.

Referências

- ALVES, F. L. de O. *A variedade do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté: um estudo geossociolinguístico*. 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- ALVES, F. L. de O.; OLIVEIRA, M. B. Mapeamento do português falado em terras indígenas na Amazônia: efeito de fatores diatópicos e diastráticos. In: SÁ, E. J. de. (et al.). *Diversidade linguística em comunidades tradicionais: homenagem à Suzana Cardoso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- GUEDES, R. J. da C. *Estudo geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará*. 2012. 189f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- _____. *Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupi-guarani nos estados do Pará e Maranhão*. 2017. 296f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RODRIGUES, M. D. G. *Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem Geossociolinguística*. 2017. 151f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guarani. In: *Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL*, vol. 1, Belém: EDUFPA, 2002.

SÁ, E. J. de. et al. *Diversidade linguística em comunidades tradicionais: homenagem à Suzana Cardoso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

THUN, Harald. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diatrático do Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY. *Atti del XXI Congresso internazionale di linguistica e filologia romanza*, 21., 1995, Palermo. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

THUN, H. et al. Atlas Lingüístico Guaraní-Románico. Tomo 1: Léxico del cuerpo humano (Dialectología pluridimensionalis Románica). *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, v. 8, Miscelánea de lingüística iberoamericana, 2010, p. 239-242.

Recebido em 26/04/2019.
Aprovado em 23/05/2019.